

Foucault em ressonâncias dissonantes

Heliana de Barros Conde Rodrigues. *Ensaio sobre Michel Foucault no Brasil: presença, efeitos e ressonâncias*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016, 176 pp.

Saete Oliveira

Pesquisadora no Nu-Sol, professora no Departamento de Política da Faculdade de Ciências Sociais e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Contato: peemanki@yahoo.com.br.

Ernani Chaves, com “ele, o boto”, faz uma abertura do teu livro pelas águas. Dos rastros na superfície da análise genealógica ao boto da região amazônica. Pelos rastros de Foucault em Belém, com as fitas das gravações de sua passagem por lá desaparecidas, sob os efeitos da ditadura civil-militar no Brasil. Partindo em torno do mais próximo a Ernani circunda-se a ilha de Marajó. Mas não só. Ernani na tua companhia vai por aí afora elencando de um modo saboroso o teu trabalho, que não tem tamanho, sobre Michel Foucault no Brasil.

Você, Heliana, com tua preciosa pesquisa revolveu acontecimentos e desaparecimentos, como alguém que só deixa na superfície os rastros

de sua passagem para emergir novamente nas águas. E de repente um novo salto. E isto não é pouco. É o muito. E o demais!

Bem, como isto, também, é uma carta-resenha, posso me desviar um pouquinho para o lado e te contar: ouvi dizer que os golfinhos não dormem, apenas cochilam, caso contrário poderiam perder o momento de pular e tomar ar para uma nova investida.

Tua insone genealogia, meticulosa pesquisa e análise, exposta sob a forma de ensaios, mostra a um leitor atento que você revolveu aquilo que parecia perdido, esquecido, sequer matutado, aventurou-se onde apenas você se atreveu. Diante de um Foucault que nunca fez questão de disfarçar seu desfastio com aqueles que perseguem a busca do encontro

com a profundidade. Dentre outras, seu livro, por isso, é também um imperdível encontro com Foucault no Brasil. Distante dos parlatórios e dos legados. Aliás, é por esta perspectiva que você situa o que te levou a realizar esse trabalho. Você não saiu em busca de um legado. Mesmo porque, como você própria coloca, diferente dos adeptos do legado, o que te interessa são os “usos” de Foucault. E, no seu caso, são sempre usos atravessados de muito prazer, paixão, contundência e humor.

Mais um pequeno desvio: cá entre nós, quem gosta de legado são os legalistas com suas cláusulas pétreas e não pétreas, assim como as pedras das catedrais e seu duplo complementar das mós dos catedráticos, que nada se confundem com lagares, mas tudo almejam alcançar em supremo sumo de um lugar edificante.

Seu “pequeno paralelepípedo”, como você o chama, editado pela Lamparina, não é um paralelepípedo, mas larva ardente que se tornou uma inédita pedra bruta polida. Repleta de gente de carne e osso, medula e sangue. E você, Heliana, é uma das mulheres mais generosas que já conheci. Uma bruta amiga.

Tuas cenas-esboços de Foucault

no Brasil apresentam teu próprio abalo em torno do que te inquietou. Acontecimentos pequeninhos e imensos para você no colóquio Foucault *Para uma vida não fascista*, ocorrido já há vários anos na Unicamp, um incômodo exposto pela Margareth Rago naquela ocasião, um comentário ouvido no campus da universidade, uma busca no google entre o que achou, o que não achou, e aquilo que salta aos teus olhos, segundo tuas palavras: “Foucault como um incansável andarilho”... e você partiu por aí afora. Saltou em investidas. Isto te levou a situar não os limites inerentes às demarcações de fronteiras, mas uma história do presente que se desdobra ao longo do teu livro, em meio a tantas histórias, lutas, passagens precisas extraídas, tantas outras inauditas. E para expô-las você se voltou, inicialmente, ao teu próprio desassossego frente ao fala- não- fala. Não esta bobageira do ‘lugar da fala’ que valorizam tanto hoje em dia. Mas ousou, percorreu tantos Foucault quanto são as paletas dos sorrisos dele. E ao te ler me soavam também as tuas. Assim, o leitor é avisado já de cara que em meio a tuas incursões possíveis e impossíveis, o Foucault que encontraremos aprecia *as más*

companhias, que você situa de um jeito só teu, e generosa que é, ainda por cima, divide com o leitor o presente precioso ganho de Edson Passetti sob a forma do poema de Joan Manuel Serrat. E é daí que brota o que viria a ser também não só o nome do teu trabalho, mas o tom e o ritmo extraído desses versos que você deu ao livro. Por isso, também, ao te ler estamos diante de muito mais do que um livro composto por ensaios.

Às voltas de um (*bom?*) departamento francês de ultramar, em torno da filosofia na USP, o leitor depara-se com Foucault no Brasil, já em 1965. Para não me alongar em palavras e coisas, porque o que me interessa é o teu livro, são imperdíveis, dentre outras, duas passagens. Uma divertidíssima é a que envolve uma conversa em um boteco entre Foucault, Bento Prado e Lebrun. Bento Prado vira-se para Foucault e pergunta se ele considera que a noção de vida em Bergson tem um caráter transcendental. E Foucault, sem meias palavras, responde: é óbvio que tem.

A outra diz respeito a uma sutilíssima desancada possível de

ser lida a partir do curto trecho de ‘reminiscências’ daquela ocasião, escrito pela filósofa Marilena Chauí, que faz questão de enfatizar, ainda que de maneira indireta como lhe é peculiar, que em Foucault não há história. É de lascar o oportunismo desta senhora que tantos consideram ‘um monumento’. Não só as bombas atiradas sobre a Maria Antônia, durante a ditadura civil militar no Brasil, permanecem inaceitáveis. *Do departamento ultramar* ao ensaio *da importância de não ser filósofo*, a partir de um retorno à década de 1940, desdobra-se outro filão que você situa em torno da revista *Clima*.

Novo salto para Foucault em Minas Gerais, Belo Horizonte, em 1973. Incursão tua vigorosa e corajosa ao lado de Foucault pela antipsiquiatria. Aliás, o sossega-leão dos manicômios, da prática psiquiátrica colossal ou miudinha, da escuta psicanalítica, dos confessionários de toda ordem, da falação censora de certos jornais, das fofocas folclóricas, mas não só, do cala a boca da ditadura, da tortura, dos bons modos das senhoras mineiras e de diplomatas com recepções enfadonhas em consulados, e que tais, tudo isso e um pouco mais é

subvertido por Foucault e por você, simultaneamente. Passagem tensa e intensa dele por lá, revolvida e costurada cuidadosamente do começo ao fim por uma contundência e um humor tão teu, que ao lê-la também ri muito. E sabe Heliana o que me veio à cabeça? É que se esse momento do livro tivesse um som em forma de canção seria este: “vestiu uma camisa listrada e saiu por aí, em vez de tomar chá com torrada, ele bebeu Parati [a cachaça]...”. No mais, um pequeníssimo detalhe imperdível, brota na foto em branco e preto um Foucault sentado ao chão de cimento rodeado de jovens numa atmosfera repleta de vigor. E ele lá, bonito com sua camisa listrada, mostrando sem pudor seu riso corrosivo e alegre quando tantos preferiam bradar “sossega leão, sossega leão”.

De Minas ao Rio, da psiquiatria a outros meandros histórico-políticos da medicina. Tua ênfase em Foucault no Rio se volta à série de conferências sobre a medicina social, realizadas por ele, dentre outros espaços, no IMESC e na UEG, atual UERJ. Esta última onde você, também, habita e, recentemente, co-organizou um dos Colóquios Foucault. Um inesquecível

colóquio Foucault, como você própria situa de um modo tão verdadeiro, em outro momento deste teu livro. Voltando à série de conferências sobre medicina social e Foucault no Brasil, é preciso destacar que “Crise da medicina ou crise da antimedicina”, primeira conferência proferida por Foucault em 1974 no IMESC, também, foi traduzida pela primeira vez para o português no Brasil por você, Heliana, e publicada na revista *Verve*.

E o não habitual, entre pesquisadores, salta agora aos olhos do leitor não apenas nesse momento de tua exposição, sobre medicina social, mas também em outros, numa relação rarissimamente encontrada em referência a outra série de conferências dadas por Foucault no ano anterior, na PUCRJ, intitulada *A verdade e as formas jurídicas*. E alguém poderia perguntar: por que cargas d’água atendo-me a isto se a série em questão está centrada nas conferências que ficaram conhecidas como *Nascimento da medicina social*? É que quando você se refere à verdade e as formas jurídicas, olhando para a história do presente como você a traz, não é para repisar o já conhecido, tampouco repetir o que tantos fazem comumente, é para

explicitar a coragem de Foucault ao apresentar, em plena ditadura civil-militar no Brasil, os baixos começos de constituição do regime da verdade, neste caso, especificamente, são três, os que ele esmiúça e arruína: o regime da prova; do inquirido e do exame. O que teu livro expõe ao leitor é de uma atualidade que não dá para ser negligenciada: tá na cara. Não só do que pauta o apreço pelas penalizações nos mais variados cantos, como o tanto disto que graça, gesta e gere, também, a universidade hoje.

Em um novo salto, você se volta a Michel Foucault na imprensa brasileira, atravessando os cães de guarda da ditadura civil militar, até o teu notar detalhado para periódicos quase nunca mencionados, como o jornal anarquista *O Inimigo do rei*. Se num primeiro momento te deixou apreensiva apresentar esta relação no *I Colóquio Internacional Michel Foucault — A judicialização da vida*, co-organizado pela Estela Scheivar, é bem humorado e certo o equacionamento que você encontra entre prevenção e ameaça, ao iniciar pela lembrança de um episódio corriqueiro envolvendo a medicina

para desaguar nos embates em torno de *Vigiar e punir*, percorrendo exaustivamente os meandros da ditadura civil-militar no Brasil. Mas não só, você, também, situa Foucault como um incansável viajante. Foi a Madri, um pouco antes de sua vinda ao Brasil em 1975, junto com alguns outros homens, para enfrentar o fascismo e impedir que fosse consumada a morte de 11 militantes antifranquistas, decretada por um tribunal de exceção. E pouco importa que fosse um tribunal chamado de exceção. Um tribunal é sempre um tribunal, e ele não perdura nem se ergue sem a vontade de míseras gentes e de tantas outras que se omitem, por medo ou predileção ao exercício de um ‘poderzão’ ou de um ‘poderzinho’ qualquer. Foucault escancarou, uma vez mais, sua repulsa física e ‘a impossibilidade carnal de ser tocado por um policial, ou receber uma ordem dele’. Mas não se trata apenas da repulsa física diante de um polícia oficial, mas de qualquer um que se arroga por a mão em seu corpo ou sua vida sem seu querer. E você mostra que Foucault foi vigiado de perto no Brasil pelos canalhas que serviram à ditadura civil-militar. Além da densa exposição que você escreve, o livro traz mais

três imagens em branco e preto com reproduções de documentos do SNI e do DOPS do ano de 1975. E como não bastasse isto, lê-se no último a estulta e equivocada observação em sua ficha: “conhecido como de tendência liberal (...)”. É de lascar a burrice desta coisa abominável que é o Estado, seja ele qual for, assim como disso que o Estado chama de ‘serviço de inteligência’. De outa feita, como disse Deleuze, certa vez, diante de afirmações como essas vindas de intelectuais em relação a Foucault: ‘isto é próprio de quem toma sua estupidez por inteligência’. E é de não perder de vista, também, a afirmação que você faz a certa altura: “enquanto isso a intelectualidade fica discutindo se Foucault é marxista”. Que perda de tempo... Inclassificável é o que ele é. Sempre recusou identidades e ser identificado, diferente daqueles que são regidos pela moral da declaração de um estado civil.

Entre o embaralhamento, proposital, de espaços e tempos em que você realiza múltiplos saltos, que vão de São Paulo ao Rio, e vice-versa, o leitor é lançado ao também sombrio ano de 1976, para fora do eixo do sudeste. Última estada dele no Brasil. E você, Heliana, nos mostra em “um

Foucault desconhecido(?)”, numa passagem praticamente ignorada, em sua ida para o norte-nordeste, reafirmando um pirotécnico Foucault. Distante do périplo, que implica sempre uma volta à origem ou a volta tautológica, você avança pelo que prefere chamar de “peripécias de Foucault”, já adiantando ao leitor que, mesmo pouco acadêmico, é este o termo. Suas peripécias nos chegam numa avalanche vertiginosa, onde o curso dos acontecimentos é alterado de maneira inesperada. Assim como tua pesquisa, as entrevistas colhidas, os pequenos panfletos encontrados aqui e ali, na passagem de Foucault em Salvador, Recife, Belém... Num norte-nordeste arredio, tal qual Foucault, na gravação de sua passagem sumida pela ditadura civil-militar, pela entrevista recusada explicitamente a um repórter da revista *Manchete*, o que deixaria o jornalista raivoso diante da alegação que lhe é repassada: “monsieur Foucault não concede entrevista a uma publicação reacionária”. E eis que ele já não está mais lá. Foi para uma praia na Bahia com um jovem bonito chamado Paulete?

No turbilhão de inúmeros compromissos, Foucault escorregava e se divertia também por não ser

conhecido. E você, Heliana, não perde a oportunidade de — mesmo na travessia do horror de tempos sombrios e das resistências a ele, entre o que você chama de “coragem da verdade” e “coragem do silêncio” — fazer o leitor gargalhar junto a Foucault com “este desconhecido”, quando conta bem ao teu jeito que em certa ocasião na Bahia, na estrada de São Lázaro rumo à faculdade, ele foi abordado por uns meninos que o chamavam de Kojak, em referência a um personagem de uma série que passava na televisão naquela época, o que o divertiu muito. Bem-humorado, comentou: “ao menos eles conhecem o Kojak”.

Em nova incursão diante das tentativas de capturas acadêmicas, você mostra que Foucault sempre foi avesso às totalizações, preferia os deslocamentos e diante das tentativas de catalogações, não perdia tempo e, mordaz, fulminava: “fui indexado”. Portanto, inútil tentar agarrá-lo.

Anarqueologizando Foucault é de um fôlego e de uma boniteza sem fim. Por ele, te dou mais um beijo, além daquele que te mandei naquele dia quando você ligou e contou divertida que naquele momento se

vingava das montanhas de formulários completamente inócuos que você tinha de preencher para atender às exigências da universidade e agências de fomento à pesquisa, fazendo uma coisa deliciosa: preparando um artigo sobre a revista *Verve* do Nu-Sol.

O imperdível *Percursos de uma andarilha* “Percursos de uma andarilha”, de Edson Passetti, que convida o leitor a ler o teu livro, é muito mais do que um posfácio. É um ensaio. Mas é muito mais do que um ensaio. É uma conversação que junto com você subverte a ordem do livro, das palavras e das coisas. Seria por aqui que o livro se abre? Onde, também, viríamos encontrar outros baixos começos de sua pesquisa sobre Foucault no Brasil a partir de seu pós-doc na PUCSP e que se transformaria nesse livro que o leitor agora tem nas mãos? O presente-poema que ele te deu vem aqui, também, encontrar percursos outros entre Edson, Heliana e Foucault. Percursos entre andarilhos que não sossegam e não dão sossego a ninguém. Uma saúde!

E se o dia do lançamento do teu livro na PUCSP, em setembro de 2016, marcou o início do que viria

a se constituir no abjeto processo administrativo instalado contra o Edson pela reitoria anterior nomeada, como seu último ato, e continuado pela atual, como um de seus primeiros gestos; ousou dizer mesmo antes de eleita porque ninguém compõe uma equipe de modo incólume, apenas expõe a carníface cara asséptica que a PUCSP assumiu no presente. E ainda que o processo movido contra o Edson seja incinerado, como urge que se faça, nada apaga e nunca apagará o que está acontecendo e jamais poderia ter sequer começado. Esta afirmação não é uma polêmica, mas a constatação do que é um *acontecimento inominável*.

Sabe, Heliana, teu livro não é apenas presença, é um presente também. É possível que não seja comum resenhar um livro e convidar leitores que o conheçam e percorram teus ensaios a partir de uma conversa direta com seu autor. É possível que seja estranho. E é desta estranheza do espaço do impossível que eu parto. É que já estou tão farta do comum e dos comuns, dos medíocres raivosos, dos bem intencionados benevolentes e malevolentes, dos omissos com performances pró-ativas que habitam a universidade no presente, que me

deu vontade de conversar contigo sobre a urgência do teu livro precioso.

Quiçá, para usar um termo tão teu inspirado na canção, teu livro venha arejar a própria universidade que se refestela em um balcão de negócios e de certificações, de placares eletrônicos de pontuações, de ouvidorias e avaliações disto ou daquilo, de cartórios e tribunais, travestidos de comissões disto e daquilo, de omissos benfazejos, de escutas e espias, de câmeras que se disseminam em salas, corredores, vãos, escadas, janelas, banheiros, corpos que se pretendem tão assépticos, politicamente corretos e comportados, submersos em melindres e ressentimentos, em invejas e ciúmes, espias e vigias, bedéis e inspetores ou agentes, ou assistentes de suporte, ou o que quer que o valha.

Por inúmeros cantos e na universidade, também, toma pé, cada vez mais, e se dissemina esta miséria da existência forjada e formada por delatores e delações, por processos e juízos.

Não foi diferente aqui na PUCSP.

Teu livro é um convite, também, para arruinar a esterilização ética e estética da existência na universidade e da universidade.